



João Paulo 2.º assina uma cópia oficial de sua primeira Encíclica.

UPI

Papa assina encíclica “Redemptor Hominis”

VATICANO — Apenas quatro meses após o início do seu pontificado, o papa João Paulo 2.º promulgou ontem a encíclica “Redemptor Hominis”, que trata da liberdade religiosa, condena os totalitarismos e denuncia as desigualdades sociais.

Em uma rápida cerimônia, o Sumo Pontífice assinou uma cópia em latim da encíclica — destinada aos arquivos do Vaticano — a qual começou a redigir no mês de novembro, em Polônês, 15 dias após sua eleição. Foram feitos também 20 mil exemplares em latim, italiano, francês, alemão, espanhol e português para serem entregues aos bispos.

Este documento de 104 páginas, com aproximadamente 25 mil palavras, foi apresentado à imprensa por um dos jesuítas mais influentes de Roma, Roberto Tucci, diretor da Rádio Vaticano. Na ocasião, alguns jornalistas qualificaram a “Redemptor Hominis” de “recicla”, ou simplesmente de “reciclagem”, considerando que ela contém somente verdades conhecidas já há muito tempo.

Mas Tucci assegurou que “de forma alguma trata-se de uma repetição da própria Igreja”. Contudo, admitiu que “reafirma a necessidade da ortodoxia doutrinária, da fidelidade ao magistério da Igreja, do respeito às normas litúrgicas, da prática da confissão e do celibato sacerdotal, mas que revela um pensamento original sobre as relações entre a Igreja, Cristo e o homem”. E Tucci lembrou ainda que a encíclica contém o balanço da Igreja pós-concílio, recordando em particular seu compromisso ecumênico, sua defesa da liberdade religiosa legada à dignidade do homem e sua rejeição do ateísmo e do totalitarismo de Estado.

Embora Tucci tenha feito esta defesa das novidades apresentadas pela “Redemptor Hominis”, observadores no Vaticano, citados pela AFP, consideram que “João Paulo 2.º não trouxe nada de novo a doutrina social da Igreja e que se limitou a criticar os extremismos, tanto de direita como de esquerda”. Eles tendem a pensar, no entanto, que os temas estritamente religiosos do documento são os mais importantes.

Nesta encíclica, publicada 11 anos após a “Humanae Vitae” de Paulo 6.º, o papa João Paulo 2.º parece mais discreto que seus antecessores ao tratar de duas questões importantes: a situação da Igreja no mundo comunista e a disciplina do clero, conforme observa o correspondente da AFP em Roma,

G.A. Salvan. “Menos de três meses antes de sua viagem à Polônia, o Sumo Pontífice limita-se a lembrar, em termos gerais, as condenações de Pio 10.º contra os ‘totalitarismos’ e rechaça, com moderação, ‘o direito exclusivo do ateísmo a predominar na vida política e social, o que converte os católicos em cidadãos de categoria inferior’”, diz Galvan.

Quanto ao abandono da disciplina clássica, ainda segundo Galvan, João Paulo 2.º, previne brevemente contra “os excessos de autocritica” no interior da Igreja, assim como contra aqueles que “olham para trás”. Mas, de acordo com fontes vaticanas citadas pelo correspondente da AFP, esta prudência de linguagem não deve iludir muito, pois o Sumo Pontífice “bloqueou” todos os pedidos apresentados por sacerdotes para passar para o estado leigo. Exatamente o contrário de Paulo 6.º, que atendeu quase todas as solicitações nesse sentido.

Dividida em quatro partes fundamentais, a encíclica, como é de costume, foi batizada com suas palavras iniciais: “O Redentor do homem (Redemptor Hominis), Jesus Cristo, é o centro do cosmos e da história”.

O Pontífice de 58 anos dirigiu a encíclica “a seus irmãos no episcopado, aos sacerdotes, às famílias religiosas, a seus filhos e filhas na Igreja e a todos os homens de boa vontade”.

Ao advertir contra a corrida armamentista e os progressos tecnológicos desenfreados que ameaçam a humanidade, João Paulo 2.º afirma, em uma passagem do extenso documento, que “o homem não pode renunciar nem a si mesmo nem ao lugar que lhe corresponde no mundo visível, não pode converter-se em escravo das coisas, escravo dos sistemas econômicos nem escravos da produção”.

Quanto aos direitos do homem a “Redemptor Hominis” precisa que eles compreendem “a liberdade religiosa, ao lado da liberdade de consciência”. E a propósito das aspirações do homem, ela afirma que “nesta inquietação criativa palpita tudo que é profundamente humano: a busca da verdade, a insaciável necessidade do bem, a ânsia de liberdade, a nostalgia da beleza e a voz da consciência”.

Em sua encíclica, o Sumo Pontífice mostra-se otimista ao analisar o futuro como “um advento da humanidade” e um “tempo de espera”. E, ao concluir, refere-se à Virgem Maria, “mãe de nossa esperança”, e insiste sobre sua importância na vida da Igreja.